



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUCIANO PEREIRA DA SILVA

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRG

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-606

Entrevistado: Luciano Pereira da Silva

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

Entrevistadoras: Christiane Macedo e Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 23/10/2015

Transcrição: William Gomes

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 37 minutos e 42 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação do entrevistado; Aproximação com a área do lazer; Disciplinas ministradas na Universidade Federal de Minas Gerais; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Coordenação e outras funções; Demandas de trabalhos; Visão sobre o processo de formação de agentes sociais; Acompanhamento dos núcleos; Legado e foco do PELC; Trabalho com a Educação a Distância; Agradecimento final.

Porto Alegre, 23 de outubro de 2015. Entrevista com Luciano Pereira da Silva a cargo das pesquisadoras Christiane Garcia Macedo e Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro muito obrigada por conceder esta entrevista. A gente gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação.

L.P. – Eu fiz Educação Física, bacharel em Treinamento e Esportes na Unicamp¹, me graduei em... Final de 1997, fiz dois cursos de especialização, isso é importante, um em Educação Física na Unifran² em Franca³, na minha cidade natal, depois em Montes Claros⁴, para onde eu tinha me mudado, na Unimontes, na Universidade Estadual de Montes Claros, onde na sequência eu fiz mestrado. O Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Social. Quando eu concluí o mestrado, eu acho que foi em 2005, eu não tenho certeza se foi final de 2005, ou início de 2006, e fiz doutorado... Desenvolvimento Social chama o programa. E fiz doutorado em Educação, aqui na FAE, Faculdade de Educação da UFMG⁵, concluí em 2012.

C.M. – E como a temática lazer apareceu na sua trajetória?

L.P. – Antes disso eu fiz também um curso de História mas foi interrompido, na Unesp⁶ em Franca, não concluí. Bom, desde a época da graduação, eu sou daquela turma, daquela época na Unicamp que tinha o Bacharel em Recreação e Lazer, era a referência brasileira, então o Marcellino⁷, a Heloísa⁸, o Lino⁹, o Bramante¹⁰ mais uma série de professores. Então naturalmente essa era a aula que fazia parte do meu cotidiano, até porque eu tinha que escolher qual modalidade eu ia fazer depois de dois anos de curso. Eu acabei não escolhendo o lazer, mas era um... Foi na verdade um grupo, grupo do Marcellino, de

¹ Universidade Estadual de Campinas.

² Universidade de Franca.

³ Município do estado de São Paulo.

⁴ Município do estado de Minas Gerais.

⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

⁷ Nelson Carvalho Macellino.

⁸ Heloísa Turini Brhuns.

⁹ Lino Castellani Filho.

professores mais o Marcellino, os outros professores, Marcelino e o Lino Castellani, os outros professores eu não tive tanto contato. Mas o Marcellino em si tinha um grupo de trabalho que eu acabei me aproximando muito, e ficando muito amigo... O Luigi Paiva¹¹, o Luli, a Ana de Pellegrin, eram pessoas minhas amigas e a gente compartilhava tudo, inclusive as experiências acadêmicas que eles estavam passando. A Paula¹² que hoje está na UFES¹³, na Estadual... Na Federal de Espírito Santo, então eu acabei me aproximando inicialmente por esse... Por viver nesse ambiente onde isso estava bastante efervescente, e também por ter me aproximado muito mais das questões relacionadas às Ciências Humanas na Educação Física. Então o lazer era sempre o assunto que estava passando pelo meu interesse, às vezes de maneira direta, às vezes de maneira mais leve, mais suave. Então quando eu discutia por exemplo, esporte e cidadania, que foi uma coisa... Algumas coisas que eu discuti durante a graduação, sempre acabava também fazendo uma discussão por exemplo, esporte como possibilidade de lazer. Então no início foi isso, agora de uma maneira mais sistematizada, quando eu me tornei professor da Unimontes¹⁴, da Estadual de Montes Claros¹⁵, eu fui professor lá por seis anos, morei lá por dez anos em Montes Claros, aí lá eu fundei um grupo específico de estudos do lazer, que existe até hoje, chama LUDENS¹⁶, junto com um outro professor amigo meu que é o Georgino¹⁷ e aí a gente passou a se dedicar... Eu passei a me dedicar de maneira mais sistematizada e organizada a estudar e pesquisar na área do lazer.

C.M. – Aqui na UFMG você está ligado a disciplina de... Quais disciplinas?

L.P. – Então aqui... Assim, no departamento que eu faço parte, Departamento de Educação Física, o curso tem dois departamentos, Departamento de Esportes e Departamento de Educação Física, a gente funciona por área, então a gente tem algumas áreas: Danças, Fundamentos Socio Históricos da Educação Física, Fisiologia do Exercício, Comportamento Motor e tal, e Lazer, Educação Física escolar é lazer. Talvez eu tenha

¹⁰ Antônio Carlos Bramante.

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Paula Cristina da Costa Silva.

¹³ Universidade Federal do Espírito Santo.

¹⁴ Universidade Estadual de Montes Carlos.

¹⁵ Município do estado de Minas Gerais.

¹⁶ Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer.

¹⁷ Georgino Jorge de Souza Neto.

esquecido algum. E as áreas elas são responsáveis por um conjunto de disciplinas que dizem respeito a essa área, e também sempre ficam algumas disciplinas que não pertencem a nenhuma área, e a gente tenta pensar onde que pode ser alocado, que faz mais sentido. Então assim, não dá para dizer que eu sou responsável sempre por uma disciplina nesse sentido, então a gente... O grupo da área do lazer se reúne, sempre, aos finais de semestres, e pensa como vai ser a distribuição das disciplinas, a gente sempre mantém alguma coisa, mas a gente costuma também rodar essas disciplinas porque a gente acha que isso é bastante interessante, tanto com relação as disciplinas da graduação, como as do curso da pós-graduação, do mestrado e do doutorado. Mas desde que eu entrei aqui na UFMG, que foi em janeiro de 2013, eu já trabalhei com as disciplinas Teoria do Lazer, do curso de Turismo, Educação Física e Lazer, do curso de Educação Física, Estudo do Lazer, no curso de Terapia Ocupacional, porque a gente atende alguns outros cursos de graduação, Políticas Públicas de Esporte e Lazer, essa é uma disciplina optativa e também obrigatória no curso noturno tem essa disciplina obrigatória e no curso diurno oferece alguma optativa, não sempre, quando é possível. E Seminário de Dissertação, na pós-graduação, que não é uma disciplina, é que tem o nome lazer e tal, mas como ele é ministrada no mestrado, essa tem no doutorado também, mas eu só trabalhei no mestrado, no Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer, acaba também sendo um disciplina onde essas discussões, a discussão do lazer também está bastante presente. Se não me falha a memória foram essas. Mas assim só é... Mas quando eu entrei na UFMG, a minha área foi... A área do concurso foi políticas públicas de esporte e lazer, então está é a disciplina que eu rodo. Então por exemplo, a disciplina obrigatória do noturno sempre eu que fico, optativa, então esta disciplina é da minha responsabilidade.

C.M. – E quando e como, iniciou o teu envolvimento com o PELC¹⁸?

L.P. – Então, quando eu entrei na UFMG, eu vim fazer parte dessa área, composta o meu departamento pelo Professor Silvio Ricardo¹⁹, pelo Professor Hélder²⁰, pela Professora Cristiane²¹, e passou a ser composta também por mim e pelo Professor Cleber²². Eu e o

¹⁸ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

¹⁹ Silvio Ricardo da Silva.

²⁰ Hélder Ferreira Isayama.

²¹ Christianne Luce Gomes.

Cleber entramos na mesma leva de concurso, a gente tomou posse em um dia de férias, então esses cinco professores da área, e os outros... Tirando eu e o Cleber que estávamos chegando no início de 2013, os outros três professores já trabalhavam nesse convênio que o Ministério do Esporte tem com a UFMG para lidar com a formação, para coordenar a formação do Programa Esporte e Lazer da Cidade. Então, quando a gente entrou o Ministério e a própria equipe da UFMG coordenada pelo Professor Hélder, já tinha a ideia de ampliar este convênio em algumas ações especificamente através da Educação a Distância, do oferecimento de um curso a distância, e de imediato, como a gente estava compondo esse grupo, ele já convidou eu o Cleber para fazer parte desse grupo. Então demorou um pouco, pelos trâmites legais, isto foi feito através de um termo aditivo, em um convênio que já existia, mas quando este termo aditivo saiu, aí eu, o Cleber e uma outra professora lá da Faculdade de Educação, a Maria Tereza²³, começamos a pensar em contatar com a coordenação e com o Ministério do Esporte, como que seria este projeto de Educação a Distância para formar agentes sociais do PELC e também gestores de políticas públicas de uma maneira geral. Então o contato com o PELC foi através do convite para integrar esta equipe e pensar neste curso de Educação a Distância para o PELC.

C.M. – Você participou antes de alguma formação, ou foi só a partir desse momento...

L.P. – Formação que você está falando do PELC?

C.M. – Do PELC.

L.P. – Não, eu só conhecia o PELC pela imprensa e por estudos acadêmicos que discutiam e avaliavam. Não conhecia nada, então foi através do contato universitário. Agora hoje eu não faço essa função, não sei se vai ter uma outra...

C.M. – Sim, exatamente isso. Que funções que você assumiu?

²² Cleber Augusto Gonçalves Dias.

²³ Maria Tereza Amaral.

L.P. – Então assim, no primeiro momento eu fiquei... Essa estrutura de administração, de coordenação da EAD²⁴; ela é composta por quatro professores, então, inicialmente ficaram só três na coordenação, Professora Maria Tereza Amaral, lá da Faculdade de Educação, o Professor Cleber Dias e eu. Então aí eu era coordenador... A gente tem um nome lá certinho, eu era coordenador pedagógico, eu dividia as coordenações, como a gente estava no início do projeto na verdade a gente fazia tudo junto. A Maria Tereza era especialista em EAD, e nos dois pensávamos no programa de uma maneira geral. Quando o curso começou a funcionar que a gente começou a estabelecer melhor essas funções, o que na prática, no cotidiano do trabalho significaria, então, eu era responsável pela coordenação pedagógica do curso. Com a saída... Logo depois a gente incorporou a quarta coordenação, que é a Professora Maria Cristina Rosa, e ficaram os quatro coordenadores. E a equipe foi ampliando, contratou supervisores, instrutores, o processo começou a funcionar. No final de 2014 com a saída do Professor Silvio para o pós-doutorado, o Hélder e a coordenação em contato com o Ministério, resolveu fazer um rearranjo da funções, então, o Silvio era coordenador dos núcleos urbanos de formação, e se afastou para, na verdade se retirou do projeto para poder fazer o seu estágio de pós-doutorado na Espanha e eu acabei ocupando a função dele, do final... Da transição de 2014 para 2015, acho que janeiro, fevereiro, desculpa, de 2013, não isso mesmo, é isso mesmo, é isso mesmo, do final de 2014 para 2015, acho provavelmente janeiro desse ano de 2015, aí eu sai da EAD e passei a trabalhar mais com esse processo de formação presencial através dos convênios no papel que antes era desempenhado pelo Professor Silvio Ricardo. Então assim, em termos de alocação é isso.

C.M. – E quais as atividades que você tem com essas funções?

L.P. – É assim: existe um conjunto de atividades... Deixa eu dizer melhor. Existe uma equipe de coordenação, então, o Hélder é o coordenador geral e existem três professores coordenadores, o Professor José Alfredo Debortoli, a Crhistine e eu. Em termos oficiais, o Zé²⁵ é coordenador da formação dos núcleos de Povos e Comunidades Tradicionais, da Crhistine é Vida Saudável e eu dos Núcleos Urbanos. Mas na prática a demanda de trabalha não funciona dessa maneira, porque as demandas não são separadas sempre, boa

²⁴ Educação à Distância.

parte das demandas diz respeito a todos os cursos, a todos os convênios, a todo tipo de atendimento, vamos dizer assim, que o PELC faz. Então a gente acaba respondendo por essa função, mas também acordando algumas tarefas a partir da especificidade, do conhecimento de cada um, daquilo que a gente acha que cada um vai ser mais produtivo. Eu tenho ficado esse ano responsável principalmente por duas atividades: primeiro a revista do PELC... O PELC vai lançar uma revista agora esse ano ainda, se tudo der certo, em dezembro sai o número um e a gente já está na produção também do número dois para que o segundo número saia logo no início de 2016. Eu fiquei responsável, junto com o Professor Zé Alfredo Debortoli, em pensar esta revista. A gente criou normas, pensamos no... Sempre em diálogo com os outros autores envolvidos, mas sob a nossa coordenação, sob a nossa principal responsabilidade, pensando nos temas da revista, quem seriam os convidados, quais seriam as sessões, o trabalho de uma maneira geral. E também o trabalho burocrático porque é feita através de licitação, tomada de preços. Então esse foi um dos trabalhos, nós estamos agora finalizando o número um, finalizando assim, estamos recebendo os artigos, estamos na fase de receber os artigos, encaminhar para a editora, já foi feita uma tomada de preços, então, a gente acredita que saia esse ano ainda o primeiro número, e estamos trabalhando no segundo. E a segunda função diz respeito a uma avaliação da equipe de trabalho de uma maneira geral. Existe uma professora que está pensando na avaliação do PELC que é a Marcia Soares, que participa diretamente lá do Sistema Mimboé e no processo de avaliação de uma maneira geral... Mas essa avaliação não contempla muito o processo de funcionamento da equipe da UFMG, então, os coordenadores e agora a EAD, esse processo precisa ser avaliado também. Nós estamos pensando de que maneira essas pessoas, e através de que sistema, de que forma essa avaliação pode ser feita. Então agora junto com a Márcia eu estou responsável por isso. Foi contratado um técnico de informática, e ele está fazendo um sistema que dê conta tanto dos fluxos do PELC, então, quando marca formação, como é que o formador é contatado, como que ele solicita voo... Isso que é um trabalho que eu não faço, mas esse sistema também vai dar conta da avaliação dessa equipe, da avaliação do formador, da avaliação dos coordenadores de EAD, dos tutores e de uma maneira geral. Essa é também uma das... A segunda principal função que eu estou desenvolvendo. E de uma maneira geral eu acabo participando da gestão do programa de uma maneira geral. O Ministério tem entendido que

²⁵ José Alfredo Debortoli.

essa equipe da UFMG faz parte da gestão do programa, então, a gente tem reuniões mensais no Ministério. Eu acompanho na medida do possível as formações, vou em formações, discuto também com os outros coordenadores, com o José Alfredo, com a Chris de que maneira eu posso contribuir com as demandas que são mais deles. E tem um rotina de trabalho de uma maneira geral, também diálogo com o EAD, até por ter ficado bastante tempo na EAD e conhecer bem as demanda, as dificuldade, então, dialogo com o pessoal da EAD... Não tem totalmente essas funções definidas porque é um volume bastante grande de trabalho e que a gente acaba dividindo a partir dessa afinidade, mas sempre tem bastante coisas para fazer e muitas coisas que surgem e que a gente não esperava, então, a gente tem que resolver a partir de demandas específicas.

L.A. – Você chegou a participar alguma vez da formação dos formadores?

C.M. – Formação dos tutores e dos formadores...

L.P. – Sim. São duas coisas. Vou falar dos tutores primeiro. As primeiras formações que os tutores receberam, eu ainda estava como coordenador da EAD, então, eu participei de várias, inclusive também como professor, ou acompanhei ou ministrei a formação. Eu participei de várias. Agora o processo de formação dos formadores, ele acontece em momentos muito esporádicos, muito específicos. Na verdade é uma reunião que acontece isso, mas é uma reunião que também tem uma série de outras atividade administrativas. A primeira que teve, que eu participei, foi em Vitória e na época eu estava começando a EAD e eu acabei participando, até porque a gente estava pensando em qual conteúdo ia ter o curso de Educação a Distância. Eu e o Cleber fomos nesse encontro lá de Vitória para poder conversar com os formadores a percepção deles disso. Então: “No seu contato com os agente sociais, o que você acha que a formação presencial não dá conta e que poderia ser complementada, potencializada pela educação a distância?”. Então a gente passou este encontro basicamente fazendo este levantamento, essas conversas formais e informais. A gente fez um formulário, mas também conversou informalmente com diversas pessoas para poder pensar no curso. Mas aí eu também, obviamente, acabei acompanhando esta formação, e depois disso teve uma outra reunião que também teve essa perspectiva de ser um momento de formação, mas também uma reunião administrativa. Então, assim,

oficialmente esses são os momentos de formação. Agora é claro que a formação é algo muito mais dinâmico, por exemplo, nas reuniões administrativas que são muitas, a gente sempre está em formação porque a gente sempre está refletindo sobre a experiência, sobre as dificuldades enfrentadas, então, de uma maneira geral dessa maneira que eu participei e que eu vejo isso.

C.M. – E como você se preparou para assumir essas funções?

L.P. – Pois é, eu acho que não existe uma preparação. Aliás eu não sei se eu estou preparado até hoje; eu acho que não existe uma preparação objetiva no sentido de que eu faço um curso e me sinto habilitado a isso. Eu acho que a minha preparação é o envolvimento com a temática do lazer de uma maneira geral. Eu lembro aqui que eu dizia quando eu formei o grupo LUDENS lá, o nosso foco sempre foram as políticas públicas. O primeiro edital por exemplo, que a gente concorreu e venceu, foi para pesquisar sobre as políticas municipais de lazer em Montes Claros, a gente até publicou um livro. A minha trajetória de investimento sempre teve como um dos motes a ideia das políticas públicas de esporte e lazer, então, refletir sobre políticas públicas, seus desafios, sempre fez parte, desde quando eu me tornei professor universitário. Sempre fez parte aí do meu cotidiano, do meu interesse, acho que esse é o principal processo de formação. Se pensar, por exemplo, que o PELC é uma proposta que surge com a ideia de romper uma tradição na área de políticas de esporte e lazer assistencialista, pautada em uma política de atividades que se distancia do empoderamento e da formação das pessoas, isso é algo que é... Eu participo das discussões desde quando eu comecei a me envolver com lazer, então, eu acho que a principal formação é essa. A partir do momento em que eu entrei na UFMG e comecei a dar aula sobre políticas públicas, também aqui, essa maior aproximação com o tema foi inevitável, porque pelo convênio da UFMG e pela forma com que, pelo protagonismo que a instituição, que a UFMG tem, que acaba sendo foco de uma série de ações públicas. Por exemplo a questão do convênio: o Ministério não escolheu a UFMG à toa para fazer este convênio de formação, mas porque reconhece aqui como um local que tem desenvolvido discussões e reflexões da área do lazer de maneira crítica, de formação profissional, uma instituição que pode contribuir. Então eu acho que a minha vinda para a UFMG intensificou essa aproximação com o tema. Quando o Hélder fez o convite, aí eu

tentei me apropriar a partir dos documentos que existiam no site do Ministério. Eu participei também, ainda em Montes Claros, da III Conferência Nacional do Esporte. Eu prestei uma assessoria em uma das áreas, isso também me ajudou bastante a me apropriar um pouco da dinâmica do Ministério em si, que era algo, um assunto pouco conhecido principalmente com essa proximidade de olhar as coisas por dentro do Ministério. E foi isso aí, a partir do convite eu comecei a me apropriar mais, a partir do documentos, a partir do que a gente já existia produzido aqui para desempenhar essa função. Agora, tenho dúvidas ainda, eu não sei, eu não consigo entender como que se deu, como eu me preparei, eu não consigo entender isso como um processo finalizado, que você se prepara e vai exercer. Acho que é sempre algo que sempre vou vir a ser até porque a própria dinâmica do curso e do PELC está sempre em transformação. A EAD é algo bastante novo que exige uma série de conhecimentos e de aprendizagens da equipe de uma maneira geral, o que está acontecendo, as novas frentes que o PELC está abrindo agora. Por exemplo, como parceria com as academias da cidade e outras coisas, também está exigindo apropriações e discussões da equipe, dos formadores, de uma maneira geral, então acho que a gente está sempre se preparando para poder enfrentar as demandas que este trabalho apresenta.

C.M. – E você se envolveu em algum momento com a discussão dos Povos Tradicionais e do Vida Saudável? Ou foi mais ligado ao PELC Urbano?

P.L. – O meu envolvimento está direcionado mais para o PELC Urbano. Quando a Chris que ficou responsável por rever as diretrizes, ela já tinha feito isso quando eu entrei e ela me passou e eu tentei me apropriar disso. Em alguns encontros até ajudei a conduzir esta discussão, essa apresentação, mas meu envolvimento é muito pouco. Na nossa divisão de trabalho o meu foco maior são os Núcleos Urbanos.

C.M. – Você faz alguma visita aos núcleos especificamente?

P.L. – Nós não temos um cronograma de visita, mas a gente fica livre para poder acompanhar, eu tenho na medida do possível participado de algumas formações. A formação específica dos núcleos, a última que eu fui agora foi a formação que teve em Recife, que é um dos grandes convênios, e aí eu participei e acompanhei. Como a gente

tem uma demanda de reuniões com o Ministério formais muito grande, isso acaba sendo prejudicado, eu ainda não consegui me aproximar tanto.. Por exemplo, o Piauí é o estado que mais tem convênio, mas eu ainda não consegui... Eu tenho participado de algumas, e dentro da estrutura que o programa existe a gente é autorizado a fazer essas visitas quando quiser. Existe uma infraestrutura preparada e disponível para isso, tem esse acompanhamento, mas ele não é formal, não existe uma amostragem que a gente vai em tantas formações, isso não acontece.

C.M. – E essas discussões da formação, nessas visitas do núcleo, você percebe que isso se reflete no núcleo, nos agentes...

P.L. – Como assim? Que discussões da formação?

C.M. – Essa discussão da informação, por exemplo, da educação participativa, deles se empoderarem a partir do programa.

P.L. – Com certeza sim. Se não, não está funcionando nada porque essa é a grande aposta do PELC; a grande aposta do PELC é a informação. Se a gente for pensar em legado, o termo que está na moda, a ideia do legado do PELC que é a formação... O PELC, se retirar, porque assim, existe uma diretriz da municipalização, que é o município e um sonho que é da municipalização, que assim quando o PELC terminar o município continuar o programa assumindo o ônus e a dinâmica de funcionamento. Principalmente a dinâmica orçamentária. Agora isso é uma utopia, uma utopia que materializa, que acontece algumas vezes, mas esse é um sonho muitas vezes distantes porque exige uma série de transformações que nem sempre acontecem. Então a gente tem o foco, o PELC tem o foco na municipalização, mas mesmo que a municipalização não aconteça no sentido do programa continuar assumido pelo município, isto não quer dizer que uma série de outros processos acontecem. Talvez o programa com outros formatos, talvez o incremento em outros programas que existem e outros processos de participação crítica, então, a formação de líderes, as pessoas passarem a cobrar mais políticas de lazer, pessoas que não eram protagonistas se tornarem líderes de associações comunitárias, ser candidato a vereador. Existe um série de mudanças que a gente acredita que podem, que tem como um de seus

principais estimuladores o processo formativo, isso acontece muito. Agora, é algo que nem sempre a gente consegue perceber de maneira objetiva. É difícil a gente dizer: “Essa pessoa se transformou, virou um protagonista mais crítico da sua história devido ao PELC.” Pode ter muitas outras variáveis que compõem isso. Mas a gente acredita, e é uma aposta bastante fundamentada esta ideia de que a formação que é o grande legado e que traz transformações e isso embasa toda a lógica do trabalho. Então, por exemplo, o PELC não trabalha com agentes sociais de Educação Física. Eles são totalmente diferente daquela lógica do Segundo Tempo²⁶. Eu atuei no Segundo Tempo também na época que eu era professor da Unimontes, eu não lembrei de falar isso mas, eu trabalhava nas Equipes Colaboradoras que iam avaliar e debater e ajudar os convênios do Segundo Tempo. Mas era uma lógica diferente. O Segundo Tempo só podia contratar professores que não eram da Educação Física quando justificasse que naquela região não tinha. A ideia do PELC é trabalhar com a cultura local; a cultura local é algo muito mais amplo do que a prática corporal sistematizada pensada pela Educação Física. Nesse sentido, pensar em práticas transformadoras, em diálogos com esses atores da localidade é a grande aposta do PELC e algo que tem sido estimulado muito com as formações. A formação é uma momento muito bacana porque não é uma formação que acontece e que depois as pessoas vão trabalhar sozinhas. A formação atualmente acontece em quatro momentos e são momentos significativos. São dois, três dias e existe uma aproximação dos formadores dos convênios e dos núcleos, então, mesmo que ele vá lá quatro vezes durante o convênio, mas não quer dizer que ele dialoga só durante esses dias. Ele se aproxima do convênio, ele tem um momento também de visita pedagógica, que é antes um dos processos. Que é antes de uma das visitas, que faz com que essa... O que é trabalhado nas formações possa ser difundido, propagado, problematizado e repensado pelos agentes sociais que estão envolvidos no dia-a-dia de uma maneira geral de funcionamento do convênio.

L.A. – Luciano, por favor, fala um pouco sobre contribuição específica da EAD para além dessas formações presenciais.

L.P. – A EAD é uma ideia muito legal. No início teve uma grande resistência. Uma grande não, mas algumas pessoas ficaram com medo de: “A EAD vai substituir a formação

²⁶ Programa Segundo Tempo.

presencial!” E essa nunca foi a ideia. A ideia sempre foi: bom se a gente aposta em formação a gente precisa intensificar as possibilidades de processos formativos. Nunca na ideia de levar o conhecimento, mas de criar condições para as pessoas construírem o seu conhecimento. E também a EAD surgiu com a ideia... O nosso foco principal é o agente social, mas também é o gestor público de uma maneira geral, tanto aquele que está no cargo, como aquele em potencial, aquela pessoa que não é um gestor mas que pode se envolver e se tornar um. Então essa foi a aposta, só que quando a gente pensou nos temas sempre foi pensando no PELC, por exemplo, um dos núcleos... Um dos temas obrigatórios, que agora a gente não trabalha mais, mas quando a gente começou a EAD, depois o Cleber deve falar bastante disso, a gente tinha quatro... A gente precisava de módulos, a gente tinha quatro módulos obrigatórios e quatro módulos optativos, então, isso foi pensado para o aluno fazer os quatro módulos obrigatórios e depois escolher dois optativos. Agora a gente trabalha com a ideia de módulos isolados, o aluno pode fazer qualquer um dos módulos e não são oito mais, já são mais, tem outros que estão sendo construídos, então, procurou-se uma maior dinamicidade aí nesse processo. Mas quando a gente pensava, por exemplo, nos módulos obrigatórios... Eu fui até autor de um dos módulos junto com a Professora Leila Pinto²⁷. A gente escreveu sobre Gestão Participativa do PELC. A gente discutia a política, o que é política pública, historicamente como que se constituiu as políticas públicas de esporte e lazer no Brasil, o que é gestão participativa, quais são os princípios da gestão participativas no PELC. Essas são discussões que interessam a qualquer pessoa que estuda política pública e que interessa ao agente social, e são conteúdos trabalhados na formação presencial, só que na formação presencial eles são trabalhados de uma maneira mais aligeirada devido a quantidade de conteúdo, a própria dinâmica. A EAD pode ser, dando um exemplo desse módulo, pode ser uma ferramenta de continuar este debate. Tem um módulo, por exemplo, que era obrigatório agora é isolado, de avaliação, de avaliação de políticas públicas que foi escrito pela Professora Márcia Soares e pela Edite²⁸. Isso tem tudo a ver com o PELC, porque o PELC também é exigido e tem uma dinâmica de avaliação daquilo que está acontecendo, tanto durante o processo, como no final do convênio. A gente acredita que a EAD possa ter uma relação muito próxima, não obrigatória, mas muito próxima para aqueles que se interessarem em intensificar esse processo formativo, só que também para muito além do PELC. Nós temos,

²⁷ Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto.

por exemplo, estudantes de graduação que não conhecem o PELC e que fazem o curso, se formação é algo transformador, é algo significativo, então, para que restringir para agente social de uma maneira específica? Hoje a gente atende qualquer pessoa interessada em fazer o curso. A gente acredita que é difícil medir o efeito prático disso; formação é uma semente, é difícil você isolar e saber o que provocou essa formação, mas a gente acredita que isso pode dar frutos muito interessantes. Pensando em EAD pela dinamicidade que esse processo tem, a gente tem alunos de todo o lugar do Brasil, pessoas do interior do Acre que talvez tem dificuldade em alguns outros processos formativos podem estar realizando o seu curso, a sua formação, via a plataforma, que também está em transformação para tentar aprimorar o processo principalmente pedagógico do curso.

L.A. – Existe alguma preocupação no sentido de preparar estes agentes para poder lidar com uma ferramenta virtual, com o instrumento que está no computador, que tem que ficar na internet?

L.P. – Você está falando o aluno né?

L.A. – É, exato.

L.P. – Não existe uma preparação para o aluno lidar, a grande preocupação é de que maneira o conteúdo é inserido na plataforma para que seja acessível ao aluno. Então a EAD é uma outra lógica, é feito em um outro tempo. Isso é um dos nossos grandes desafios porque quando a EAD começou a gente começou em uma plataforma pública, a e-Proinfo do Ministério da Educação, que hoje a gente avalia que talvez não tenha sido a melhor aposta. Agora a gente está migrando o curso do e-Proinfo para o Moodle e no Moodle a gente vai poder investir um pouco mais nisso, sessão de mais vídeos, uma linguagem mais dialógica com o aluno. Agora essa preocupação sempre existiu. Por exemplo, quando os especialistas foram contratados para poder fazer o material, eles passaram por todo um processo de capacitação do que é linguagem EAD, de quais os limites, do que eu preciso enfatizar, o tanto que é diferente de escrever um artigo, isso foi um processo bastante árduo e trabalhoso, e na medida que... E processual, aí os autores iam

²⁸ Nome sujeito à confirmação.

entregando os materiais e, nessa época, essa era uma das funções que eu fazia. Avaliar esse material, dialogar com eles, a gente ia dialogando: “Aqui está muito extenso...”, “Vamos colocar mais figuras...”, “Aqui não está de acordo com as diretrizes da EAD...” Foi um processo bastante árduo, mas que eu acredito de bastante sucesso para pensar nessa questão pedagógica do aluno dar conta do material, que não é no sentido que ele é um pior aluno, não, é uma lógica diferente. Mas o material da EAD ficou *muito bom, muito bom*. Tanto é que agora eles vão ser publicados, e vai ser um material também de apoio para os núcleos, então a gente tem esta preocupação de material pedagógico para os núcleos. Nesse processo agora a gente está investindo em duas coisas: na revista, a função da revista é de ser material pedagógico, vão ter reflexões teóricas, talvez que se aproximem um pouco mais daquele artigo tradicional, mas sempre refletindo sobre algo do PELC. Por exemplo, o desafio de pensar na gestão participativa nos programas do PELC... Alguém que escreve teoricamente sobre isso, mas pensando no PELC, mas vão ter também muito questões de refletir sobre experiências do cotidiano, relatos de experiências, os formadores escrevendo sobre a experiência deles, de como o processo pode ser melhorado. A revista é um material pedagógico e o material do PELC, da EAD, está sendo adaptado, fazendo alguns ajustes para que eles sejam publicados também como se fossem uma coleção de apostilas e essa coleção de apostilas também vai ser distribuída nos núcleos tanto fisicamente, como disponibilizado virtualmente para ser acessado por quem quiser.

C.M. – Professor, quer dizer mais alguma coisa, falar algo que não perguntamos?

L.P. – Não, acho que é isso. Depois se eu esquecer alguma coisa aí quando tu for escrever... Mas o principal é isso.

C.M. – MUITÍSSIMO obrigado.

L.A. – MUITÍSSIMO obrigado.

L.P. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]